



TELEOLOGIA

Pedro Luiz Ozi
2010

"Oh! Homem, quão elevada é sua origem! Quão grande e divino o seu destino! Quão nobre o objeto de sua vida! Não estás destinado a ascender através de pensamentos sublimes, ações enobrecedoras, conhecimentos que abarcam o Universo, a aproximar-se do grande Espírito a quem todos os habitantes do Universo adoram?"

Este texto surgiu do desejo de corrigir um erro de tradução desta frase de Hahnemann, nos Escritos Menores "Esculápio na Balança". "Pensamentos Sublimes", no original, se transforma em "Sensações de Felicidade", na obra traduzida, o que não condiz com o pensamento do criador da Homeopatia.

Hahnemann era um encantado com a vida, a natureza, a humanidade e se considerava um artesão, um instrumento do Autor de todo Bem. É um pensamento peculiar à maioria dos estudiosos, observado em toda a História tanto da Filosofia como da Ciência.

Ao exaltar Platão, Kant, Confúcio, Hahnemann reforça suas idéias voltadas ao "sumo bem". Idéias que são compartilhadas por muitos filósofos em toda a História. Para eles, tanto a felicidade quanto a liberdade moral *per si* não são adequadas para servir como sumo bem. O "mérito de ser feliz" é uma conquista da virtude.

Estas ideias nascem com Platão, que tem nas formas um conceito central. O conhecimento é a recordação do contato que tivemos com as formas antes de nossas almas imortais ficarem prisioneiras nos corpos; a famosa alegoria da caverna introduz a doutrina segundo a qual só os que apreendem a forma do bem estão preparados para governar. Platão faz Sócrates dizer no Fédon ou da Alma, diálogo que introduz a doutrina das idéias: *"admitamos que existe um Belo em si e por si, um Bom, um Grande; se admitires a existência dessas coisas, elas me permitirão tornar-te clara a causa que faz com que a alma seja imortal"*. Ainda Sócrates: *"Toda a realidade está voltada a um bem. Conhecer o bem é fazê-lo e, para isso, é necessário conhecimento cuja aquisição leva à virtude"*.

Este pensamento, baseado em um desejo de desvendar os mistérios da natureza, do homem, do cosmos, sempre buscou estabelecer uma relação lógica que daria sentido à vida, através de um esforço da razão em um movimento ascendente: evolução do espírito com aprimoramento da inteligência em harmonia com as emoções.

Giovanni Reale, no seu livro "Para Uma Nova Interpretação de Platão", escreve: *"Platão, com as idéias, descobriu o mundo inteligível como a dimensão incorpórea do ser. Esse mundo do inteligível, incorpóreo, transcende o sensível não no sentido de uma absurda separação, sendo a razão de ser do sensível"*.



As ideias do bem, do sublime, do belo se entrecruzam ao longo da História, sempre conservando as raízes platônicas. Longuino, em plena sintonia com o espírito platônico, escreveu no século I *"as idéias não raro transpõem os limites do que nos cerca; quem observar a vida e vir quão grande espaço ocupa o extraordinário, o grandioso, o belo, logo saberá para que fim nascemos"*.

Giacomo Daquino, no século XIII *"não é necessário pintar um grande quadro ou fazer uma grande descoberta para ser criativo, porquanto criativos são todo pensamento e toda ação que nos sublimam, afastando-nos dos instintos arcaicos e tornando-nos mais humanos"*. Shakespeare (1564-1616) mostra que a realeza nada vale se não está voltada ao "sumo bem". Hamlet diz *"O que é um homem se seu bem supremo e todo seu lazer reduzem-se a comer e dormir? Um animal, nada mais. É certo que aquele que nos dotou de tão vasta inteligência, aberta para o passado e o futuro, não nos deu essa faculdade quase divina para que ela se degenera sem uso em nosso interior"*.

Em Aristóteles, quando ele se refere ao conceito de felicidade, é importante lembrar que não está tratando de *"hedone"* a satisfação dos sentidos, mas sim de *"eudaimonia"* a plena realização do ser humano. Para este ser humano, que vive em comunidade (polis), sua realização passa pelo bem comum de toda a coletividade; não se trata de nenhuma satisfação pessoal e privada, mas da plenitude de uma vida vivida conforme as excelências do humano.

Nesse encantamento, em que tudo é voltado à ascensão, aos pensamentos sublimes, podemos perceber um fascínio pela divindade observado no pensamento de Galileu (1564-1642), Kepler (1571-1630), Bacon (1561-1626), Descartes (1596-1650), Newton (1642-1727). Um forte desejo de desvendar aliado a um incansável esforço e uma sólida convicção sustentada por uma inspiração divina. *"Tudo isto foi observado e descoberto há alguns dias, por meio dos perpicilli inventado por mim através da graça divina, que previamente inspirou meu espírito"*, escreveu Galileu em *"O Mensageiro das Estrelas"*.

Bacon, embora represente uma importante transição do plano Transcendente ao Mundo Empírico conserva a idéia de virtude, valorizando o sumo bem e a caridade: *"que todos tenham em conta os verdadeiros objetivos do conhecimento e que o procurem não para prazer do espírito ou para alcançarem superioridade sobre os outros ou para vantagem ou fama ou poder ou qualquer dessas coisas inferiores, mas para benefício e conveniência da vida; e que o dominem e governem atentos à caridade"*. Até mesmo Descartes que foi o grande responsável pela dicotomia do pensamento, exaltava a divindade e as idéias voltadas à ascensão do espírito.

No século XVIII, contudo, começam a se impor alguns termos como gênio, gosto e imaginação com ênfase à virtude, como sentimento nobre e à harmonia como a expressão de um equilíbrio entre a razão e as sensações. Para Kant, a vida de um ser finito consiste em atividade. O sentimento de prazer e desprazer serve como uma expressão da atividade e como um incentivo para mais atividade, consistindo em surtos e refreamentos do poder vital. A oscilação entre prazer e dor provoca todos os



sentimentos e repousa não tanto na natureza das coisas externas que os geram quanto na própria disposição de cada pessoa para ser induzida por elas a sentir prazer e dor.

Na sua obra "A Crítica da Razão Pura" Kant escreve: *"a realidade deste mundo inteligível pode fundar-se exclusivamente sobre a pressuposição de um bem supremo e originário, no qual uma razão funda, mantém e realiza, segundo a mais perfeita conformidade a fins, a ordem universal das coisas, embora esta última esteja assaz oculta no mundo dos sentidos"*. E ainda Kant *"a razão humana tem um pendor natural para transpor a fronteira da experiência e as idéias transcendentais são naturais."*

Na atualidade, temos em Fernando Pessoa um exemplo de sintonia com o pensamento transcendental: *"viver não é necessário o que é necessário é criar. Não conto gozar a vida, nem gozá-la penso. Só quero torná-la de toda a humanidade; ainda que tenha de ser meu corpo e minha alma a lenha desse fogo"*. E na nota preliminar das poesias de Álvaro de Campos, o poeta reforça a hierarquia emoção-intelecto: *"o homem em quem a emoção domina a inteligência recua a feição do seu ser a estádios anteriores da evolução"*.

E Bertrand Russel, na busca de sentido para a filosofia e para a vida diz *"a amplitude do conhecimento não é suficiente para constituir sabedoria. Deve haver, também, certa compreensão dos fins da vida humana"*.

Hahnemann viveu numa época (1755-1843) em que a concepção teleológica da natureza, orientada por fins ou desígnios das coisas, era uma idéia corrente e partilhada pelo romantismo desse período, que resgata o sentimento cuja presença era forte desde Platão até o Renascimento e sofreu um abalo com o Iluminismo, que antecedeu o Romantismo. É necessário ressaltar que o Iluminismo rompeu com as instituições religiosas e não com a divindade, e houve um avanço do pensamento à medida que as amarras do medo que sustentavam as certezas das instituições religiosas enfraqueceram e o dogmatismo deu lugar à dúvida, à reflexão, à experimentação.

Teleologia, assim, continuava presente no pensamento de Kant (1724-1804), Schelling (1775-1854), Goethe (1749-1832), Fichte (1762-1814), Hegel (1770-1831), contemporâneos de Hahnemann.

Havia uma forte conexão entre a vida material e a espiritual, característica marcante destes grandes filósofos, que foi se extinguindo à medida que a vida foi reduzida a funções moleculares, a partir do final do século XIX. Assim, novamente o sentimento perde significado, como ocorrera no Iluminismo.

O tubo de ensaio passou a ser o modelo de Homem a ser estudado. Ou o pensamento se enquadra neste modelo ou é excluído pela ciência oficial. Mas para enquadrar é necessário excluir os sentimentos, como se não houvesse conexão entre eles e as sensações físicas. Mais do que isso, perde-se a possibilidade de dar sentido a essa totalidade: reações físicas e psíquicas, doença, saúde. Haveria conexão ou sentido? Como? Para quê? Nessa perda de significado dos sentimentos, há um círculo vicioso em que o indivíduo nega a angústia como algo a ser combatido, como se não lhe pertencesse, o que leva a uma piora desse estado com um agravante que é a perda progressiva da clareza da consciência.



Se o objetivo é o sumo bem, sendo a felicidade sua consequência, o esforço nessa direção passa a ser um caminho que o espírito pode trilhar com satisfação, libertando-se da neurose que acentua o vazio existencial. Sobreviver não é suficiente, é necessário dar sentido à vida.

Essa mesma consciência, transtornada pela angústia, ao enfrentar os conflitos com o espírito imbuído de um sentido transcendental, estará construindo e reconstruindo novas formas de sentir e pensar, adquirindo uma clareza progressiva, imprescindível à saúde.

A vida adquire sentido a partir de um esforço constante, que valoriza o intelecto, com ênfase à virtude e à harmonia, resultando em um equilíbrio entre a inteligência e as emoções, passo importante para conquistar a sabedoria.

Spinoza (1632-1677) ilustra a hierarquia do intelecto em relação ao sensório: *“com relação ao poder da mente sobre o corpo, fica claro o quanto o homem sábio está na frente do ignorante, que é guiado pela concupiscência. Porque o ignorante, além de ser agitado de muitas maneiras por causas externas jamais goza de uma verdadeira satisfação da mente; ele vive quase inconscientemente de si mesmo, de Deus e das coisas. Ao contrário, o homem sábio dificilmente é movido no espírito; é cômico de si mesmo, de Deus e das coisas por uma certa necessidade eterna e sempre goza de uma satisfação da mente”*.

O conceito de Teleologia incomoda a ciência moderna que, com seu tecnicismo, substituiu o termo teleologia por teleonomia, que está livre de implicações metafísicas. Esta concepção levou a uma negação de sentido desde as mais simples funções orgânicas até os altos fins da existência (Hahnemann). Assim a o pensamento cartesiano de homem dividido em partes desconectadas tornou-se hegemônico, representado pela figura do especialista que, segundo Will Durant, é aquele que *“sabe mais e mais a respeito de menos e menos, ao contrário do filósofo que sabe menos e menos a respeito de mais e mais”*. Porém, para Henri Atlan *“a teleologia é como uma mulher com quem o biólogo tem vergonha de ser visto em público, mas, sem a qual, não consegue viver”*.

Até mesmo o cepticismo da ciência moderna traz no seu espírito as mesmas idéias do belo, do sublime, do “sumo bem”, como podemos constatar com Richard Dawkins que, mesmo fazendo uma forte apologia do ateísmo, pensa de forma semelhante: *“a verdade é bela em si mesma. Existe uma elegância própria do conhecimento. Einstein comovia-se com a beleza das equações. Além disso, os fenômenos que biólogos ou astrônomos estudam - árvores, pássaros, estrelas - são belos em si mesmos. Lidar com eles é lidar com o belo”*.

Coroando a ideia platônica de que o sumo bem é do âmbito da inteligência e não do sensório, podemos observar um encontro desses pensamentos que está acima de qualquer crença ou ideologia. Assim, Richard Dawkins revela seu gosto pelo sublime, tal como os filósofos do Romantismo, e no livro “O Gene egoísta”, faz um convite: *“se você deseja como eu, construir uma sociedade na qual os indivíduos cooperem generosa e desinteressadamente para o bem comum, você poderá esperar pouca ajuda da natureza biológica. Tentemos ensinar generosidade e altruísmo, porque nascemos egoístas. É necessário compreender que*



nossos genes egoístas tramam, porque assim, pelo menos, poderemos ter a chance de frustrar seus intentos, coisa que nenhuma outra espécie jamais aspirou fazer”.

Assim podemos constatar que o amor à ciência e à verdade está acima de qualquer opinião ou (des)crença.

Coroando o pensamento teleológico, enquanto Kant se refere aos fins universais, Hahnemann dá um brilho sem igual na busca de um sentido para a saúde e para a vida, referindo-se, no Par. 9 do *Organon*, aos fins existenciais.

Kant: *“o poder, a riqueza e até a saúde, bem como o bem estar completo, o que chamamos felicidade, criam uma confiança em si que muitas vezes se transforma em presunção se não existe uma boa vontade para reparar e dirigir aos fins universais, a influência que essas vantagens têm sobre a alma”.*

Hahnemann: *“no estado de saúde, a força vital imaterial, que dinamicamente anima o corpo material, reina com poder ilimitado e mantém todas as suas partes em admirável atividade harmônica, nos seus sentimentos e funções, de maneira que o espírito dotado de razão que reside em nós, pode livremente dispor desse instrumento vivo e são para atender aos mais altos fins de nossa existência”.*